



A MONITORIA COMO EXPERIÊNCIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

Janaina Freire Pereira¹
Orientador: Hermes Talles dos Santos Brunieri²

RESUMO

O Programa de Monitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) tem o intuito de despertar nos estudantes de graduação o interesse pela carreira docente, diminuir a repetência, o desinteresse pelo componente curricular e a evasão discente, e contribuir com a melhora da qualidade do ensino através de cooperação entre professor do magistério superior e estudante-monitor. Dado o fato de já ter sido monitora em diferentes componentes curriculares e períodos letivos entre 2021 e 2023, no Curso de Licenciatura em Pedagogia, campus I, da UFPB, objetivo analisar como essa experiência contribui para a minha formação tanto como discente e quanto como futura docente. A partir da noção de experiência de Larrosa Bondia (2002), abordada também por Brunieri (2022), e de teóricos que abordam a monitoria e sua importância, como Frizon (2016), Ferreira (2019), entre outros, procuro explicitar como experiências ocorridas na monitoria no ensino superior durante o período de pandemia do COVID-19 e, depois, quando do retorno das atividades presenciais, enriqueceram, principalmente, minha formação como futura educadora. A partir de minhas reflexões, espero contribuir para a compreensão da relevância e da potencialidade do Programa de Monitoria nos cursos de Licenciatura, pois ele tem contribuído diretamente para minha formação não só como futura docente, mas também como discente, enriquecendo minhas reflexões sobre a articulação entre teoria e prática.

Palavras-chave: Formação Docente, Monitoria, experiência, Covid-19.

¹Graduanda em Licenciatura em Pedagogia - Presencial, Universidade Federal da Paraíba - PB, *campus* I, janainapereira1808@gmail.com;

²Professor da área de Linguagem e Ensino no Curso de Licenciatura em Pedagogia - Presencial e do Departamento de Metodologia da Educação da Universidade Federal da Paraíba - PB, hermesbrunieri@gmail.com.

Decidi escrever este artigo, porque senti necessidade de expressar como a monitoria afeta de forma positiva a vida acadêmica de um estudante e como esse programa pode fazer os discentes de cursos de licenciatura entenderem melhor a vida acadêmica e a docência, bem como decidirem se desejam mesmo atuar profissionalmente como professores.

Baseando-me, de um lado, em uma pesquisa teórica, para que pudesse entender o que realmente é uma experiência, além da Resolução da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e de textos de divulgação acadêmica que tratam da monitoria, este artigo tem como finalidade entender como as experiências vividas na monitoria complementam a formação docente, isto é, como ela enriquece a formação do futuro profissional de um professor da Educação Básica ou da Educação Superior. Para isso, de outro lado, busco analisar de que forma minhas vivências como monitora tornaram-se experiências, refletindo como essa prática da docência influenciou na minha formação acadêmica e profissional.

A monitoria na UFPB é regida pela Resolução CONSEPE/UFPB n.º 2/96 (UFPB, 1996). Em seu Art. 3º dispõe que “O programa de monitoria desenvolver-se-á por meio de elaboração/execução de projetos de ensino, de uma ou mais disciplinas dos cursos de graduação da UFPB”. Ou seja, a monitoria ocorre através de projetos que são elaborados pelos professores das disciplinas para que o discente entenda quais são as demandas necessárias, ou seja, quais são os seus deveres, quais atividades têm de ser realizadas durante o período do programa. Vale salientar que a mesma resolução, em seu Art. 2º, aponta os objetivos desse programa e dos projetos elaborados pelos docentes em seu art. 2º:

Art. 2º São objetivos do programa de monitoria:

- I- despertar no aluno o interesse pela carreira docente;
- II- promover a cooperação acadêmica entre discentes e docentes;
- III- minorar problemas crônicos de repente, evasão e falta de motivação comuns e muitos disciplinas;
- IV- contribuir para a melhoria da qualidade do ensino.

Assim, sabendo do projeto, o monitor já ingressa na monitoria com o conhecimento do que é esperado, isto é, o que ele, como monitor, vai ter que executar. Além disso, espera-se que a pessoa que se candidata, bem como o professor proponente saiba quais são os objetivos desse programa, pois eles constam na Resolução e no projeto disponibilizado antes mesmo da inscrição para a seleção do programa.

Mediante a isso, destaco a afirmativa de Dantas (2014, p. 570), “a monitoria acadêmica representa um espaço de formação para o monitor e para o próprio professor orientador, bem como uma ação que visa contribuir com a melhoria da qualidade da educação.” Desse modo,

procura-se atribuir essa ideia neste artigo, fazendo com que os futuros leitores consigam compreender como foi a experiência da monitoria por mim vivida, destacando como ela pode influenciar a formação e a futura prática docente do estudante participante. Por essa razão trago no artigo os aprendizados vividos ou desenvolvidos ao longo dos anos que fui monitora, os quais são analisados tendo como base a noção de experiência de Bondía (2002).

Isto posto, indico que o artigo foi dividido em tópicos: esta introdução, em que apresentei brevemente sobre o que é o programa de monitoria na UFPB; depois discorro sobre a noção de experiência, a partir de Bondía (2002); na sequência explico o método autobiográfico; depois analiso algumas das minhas experiências na monitoria; e, por fim, trago as considerações finais e agradecimentos.

A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Larrosa Bondía (2002) explica que a verdadeira experiência, na atualidade, é rara por causa de quatro fatores: excesso de informação, excesso de opinião, excesso de trabalho e falta de tempo. Para ele (BONDÍA, 2002), apenas o conhecimento sobre a opinião ou a informação não traz uma verdadeira experiência, isto é a vivência do dia a dia:

Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresenta, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. (BONDÍA. 2022., p. 22)

Sendo assim, compreendo que a junção do excesso de informação à opinião dá a falsa ideia que temos uma experiência quando, na verdade, o que se possui é apenas o conhecimento de um evento, ideia ou fato. Além disso, a combinação de falta de tempo e excesso de trabalho também torna difícil uma experiência verdadeiramente significativa, já que atualmente tudo se passa muito rápido, dada a grande quantidade de respostas, pedidos por aplicativos, acúmulo de informações e trabalho, o que nos gera a percepção equivocada de que a experiência vem pela prática ou pelo fazer de determinada ação. Sabendo disso, Bondía expõe que a experiência, na verdade, ocorre quando,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos,

falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA. 2022, p. 24).

Diante disso, entendo que a experiência de fato acontece não apenas pelo vivenciar, mas quando o que ocorre em nossas vidas nos marca ao ponto de nos fazer refletir ou até mesmo mudar nossa percepção sobre determinada situação.

Nessa perspectiva, Brunieri explica que

Portanto, a experiência depende da apreciação minuciosa e cuidadosa. Pode parecer difícil realizá-la nos dias atuais, mas é possível, desde que tenhamos essa intenção e reivindicemos espaços e tempo em nós, para nós e para os outros, em situações privadas ou públicas, no setor privado e público. Nesse sentido, o sujeito da experiência é aquele que está aberto, receptivo, disponível a experimentar (BRUNIERI, 2022, p. 110).

Isto é, para se obter realmente uma experiência é preciso estar aberto ao que vier e refletir sobre o que está acontecendo, isso possibilita que aconteça algo significativo quando a pessoa vive o momento de coração e mente aberta, aconteça o que acontecer, principalmente sem pré-conceitos estabelecidos. Destarte, saber sobre como ocorre realmente uma experiência faz com que o futuro docente comece a entender melhor o seu processo de formação. Mediante a isso, o formando deixa de ser apenas um mero espectador da sua formação e assume uma formação mais participativa ou ativa.

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Por se tratar de uma reflexão sobre a experiência, escolhi uma abordagem metodológica fundamentada em narrativas autobiografias.

O trabalho com narrativas autobiográficas implica a forte participação do indivíduo que, por sua vez, se compromete com o processo de reflexão, orientado pelo seu interesse, e que o leva a definir e a compreender seu processo de formação. [...] A utilização desse método visa a não apenas colaborar com a ciência da educação trazendo novas dimensões e conhecimentos como também colocar o sujeito na posição de protagonista de sua formação e do processo de investigação sobre ela (SANTOS; GARMS, 2014, p.4099).

Sendo assim, compreendo que este método possibilita com que as pessoas coloquem suas experiências refletidas, ao mesmo tempo em que, também, transforma o sujeito da experiência tendo o conhecimento foco principal, fundamentando-se na prerrogativa de que ele é o principal responsável pela investigação de sua própria ação. Com isso se entende que,

As narrativas autobiográficas com o embasamento teórico do método autobiográfico utilizada para compor uma análise com ênfase nas narrativas de histórias de vida pessoais/profissionais de professores pode revelar a constituição diversos aspectos de

interesse de uma investigação educacional. Pois, a escolha desse método qualitativo, que vai além das metodologias qualitativas tradicionais, viabiliza o diálogo, a análise e a discussão sobre diversos aspectos que auxiliam na formação de professores (SANTOS; GARMS, 2014, p.4105).

Desse modo, as narrativas possibilitam um maior entendimento sobre o assunto abordado, que nesse caso é a vivência da monitoria experienciada por mim, de modo que possibilite ao leitor um maior conhecimento sobre a influência da monitoria para formação do estudante. Além disso, esse método procura “[...] significados expostos na narrativa da ação humana e valoriza a singularidade de cada sujeito de pesquisa” (SANTOS; GARMS, 2014, p. 4105), o que, a meu ver, dá mais significado e relevância a experiência embasada.

A EXPERIÊNCIA COMO BASE PARA FORMAÇÃO DOCENTE

A seguir, apresentarei algumas experiências que ocorreram comigo, desde o primeiro processo de seleção até a atual monitoria. Essas experiências foram escolhidas por influenciarem, no meu ver, a minha formação como futura docente.

A minha primeira experiência no âmbito da monitoria foi em um processo de seleção para o componente curricular de *Filosofia da Educação I*, no segundo período do meu curso, antes da Pandemia de Covid-19.

Através dessa experiência, aprendi que as provas de seleção podem não requerer somente conhecimentos específicos da disciplina. Neste caso, esperava-se que, de alguma forma, o discente demonstrasse o que aprendeu sobre os conhecimentos específicos do componente curricular. Ao mesmo tempo, as perguntas da prova também faziam com que o aluno refletisse sobre os conhecimentos nele adquiridos, além de o instigar a refletir se realmente desejava ingressar na monitoria daquele componente curricular. Lembro-me que saí dessa prova com o sentimento de alívio, pois imaginei que ela fosse pedir conhecimentos extremamente específicos da disciplina, a nível daqueles dominados pelo docente.

Infelizmente não consegui a vaga disponível para esta monitoria, contudo essa experiência me foi significativa, pois me possibilitou entender melhor como funciona o processo seletivo desse programa, já que, antes disso, o mundo da monitoria me era desconhecido: eu só sabia que era uma oportunidade de ganhar uma bolsa remunerada paga pela própria instituição de ensino superior.

Considero, também, que essa experiência me tranquilizou para os próximos processos seletivos que participei, porque, a partir de então, eu possuía o conhecimento de como poderia

ser o processo seletivo, no qual não se pede, ao menos nos processos que participei, do candidato conhecimentos a nível docente universitário, mas, sim, conhecimento que o discente tem naquele momento de sua formação.

Confesso que fiquei um pouco desestimulada após esse processo de seleção, por não ter conseguido a vaga. Todavia, pensando nas horas flexíveis que precisava obter para a integralização do meu currículo de graduação, me coloquei à disposição para fazer mais três seleções, no período da pandemia de Covid-19. Nessas, em duas fiquei classificada em terceiro, mas fui chamada, apesar de estar em oitavo na classificação, a assumir a outra por causa de desistências. Dessa vez, a monitoria não tinha mais somente o aspecto de ganhar dinheiro, pois minha bolsa era não remunerada, uma vez que assumi como voluntária. O objetivo, como já dito, era conseguir as horas flexíveis necessárias para a minha formação.

Essa experiência me possibilitou começar a ver a monitoria como um meio para conseguir entender melhor sobre a docência, inclusive, no ensino superior. Nela tudo me foi novo e considero que, até hoje, ela foi a mais complicada de, por mim, ser desenvolvida. Ela me demandava, muitas vezes, mais do que as 12h semanais previstas no contrato, pois a minha orientadora passava atividades que demandavam muito mais tempo e dedicação, além de encontros remotos por meio da plataforma Google Meet. Com isso, eu e as outras monitoras precisávamos dedicar muito mais tempo do que as horas semanais previstas na resolução e no projeto. Porém, com essa monitoria, consegui aprender ensinamentos que levei para o restante das monitorias, como, por exemplo, o tratamento por meio do *WhatsApp*. Também compreendi que o mais adequado, na docência, é fazer os alunos notarem seus erros e dificuldades, mostrando-lhes caminhos e permitindo que decidam como vão deslindá-los ou dirimi-los, em vez de falar, apenas, o que têm de fazer ou não sabem. Vale destacar que essa experiência ocorreu durante a Pandemia de COVID-19.

Relato ainda que essa monitoria durou apenas um período. Nas próximas, o contrato mudou e a monitoria passou a ser de dois períodos. Isso me permitiu perceber que o vínculo entre monitor e alunos fica, geralmente, mais forte no segundo período letivo, pois o estudante monitor está presente desde as primeiras aulas e, com isso, participa de todo o processo de aprendizagem dos alunos. Como a monitoria, atualmente, na UFPB, não acompanha o início das aulas do primeiro semestre, no início do ano, o monitor ingressa no Programa e começa suas funções cerca de um mês ou um mês e meio após o início do período letivo. Com isso, o vínculo, nesse semestre, costuma ficar menos estreito.

Ainda sobre essa primeira experiência com a monitoria, considero que ela me foi relevante, pois foi nela que aprendi como os relatórios, antes vistos como apenas um momento

para tratar só do que aconteceu durante o mês nas atividades realizadas no programa, são realmente importantes, já que com eles podemos organizar em palavras os acontecimentos ocorridos na monitoria. Dessa forma, com os relatórios pude notar se o percurso escolhido estava sendo eficaz ou não, e planejar possíveis mudanças, baseando-se no trabalho desenvolvido no cotidiano de ensino. Na minha visão, a escrita dos relatórios é momento oportuno de reflexão, que permite a transformação das vivências em experiências.

Os relatórios ajudam no desenvolvimento e apropriação dos saberes experienciais. Brunieri, fundamentado em Tardif (2013), define tais saberes como

saberes específicos, desenvolvidos pelos docentes com base em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio; são conhecimentos que se desenvolvem por meio da experiência prático-profissional e por ela são validados, sendo incorporados à “[...] experiência individual e coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser” (BRUNIERI, 2022, p.108).

Com esses saberes, é possível entender melhor sobre a importância não só dos relatórios como também desse próprio artigo, porque, através dessa prática de escrita, esses saberes se desvelam, tornando, a meu ver, possível a compreensão de como a experiência vivida, transforma-se em experiência, ajudando a entender melhor o que ocorre ao redor, até mesmo as ações e atividades que poderiam ser insignificantes.

Minha segunda experiência como monitora ocorreu no ano de 2022. Essa monitoria foi um momento sem surpresas ou grandes novidades, pelo contrário foi uma monitoria que durante todo o ano permaneceu quase da mesma forma, mas como sempre se é possível conseguir um aprendizado, nela não foi diferente.

Foi nela que tive a primeira oportunidade de mediar e responsável por desenvolver uma atividade pedagógica em sala de aula. Com essa oportunidade, percebi a importância da supervisão do docente, até porque a monitoria é um processo de aprendizagem que ocorre em conjunto com o professor orientador, como destaca Ferreira:

Ao discente monitor(a), contribui para que exercite a prática docente dentro da Universidade com supervisão do(s) docente(s) orientador(a)(es) permitindo ver à realidade da sala de aula, para que desperte reflexões para organizar e planejar a prática, a fim de desenvolver experiência, compromisso e ética profissional (FERREIRA, 2019, p.88).

Sendo assim, como Ferreira (2019) afirma, essa experiência trouxe reflexões e me fez pensar na minha futura prática. Infelizmente a minha supervisão foi por meio remoto enquanto a atividade era presencial, já que a professora responsável se encontrava doente. Nessa experiência, percebi o quanto os alunos são compreensíveis com o monitor, a partir do meu

pedido de permanecerem em sala e fazerem a atividade naquele momento, assim ocorreu, de uma maneira respeitosa. Considero que isso também se deve às relações entre mim e os estudantes que foram sendo construídas ao longo do período.

Como citado anteriormente, esse evento me fez refletir que, mesmo que seja de maneira remota, não se deve deixar um monitor sozinho em sala de aula com o dever de ensinar, já que essa pessoa está em formação e poderia precisar do auxílio do docente ou ainda ter desavenças com a turma, o que pode vir a ocasionar um obstáculo para a aprendizagem. Além disso, como previsto no regulamento do Programa de Monitoria da UFPB (UFPB, 1996), é dever do orientador estar auxiliando o monitor porque ele ainda está em seu processo de formação. Sem a presença do professor, o orientando pode não conseguir efetuar o cumprimento da atividade e, com isso, de algum modo prejudicar ou comprometer a aprendizagem da turma. Por essa razão, considero que a presença do docente ao lado do monitor, mesmo que remotamente, é muito importante para sua formação enquanto futuro docente.

Ademais, como essa monitoria ocorreu primeiramente no período remoto e, depois, no presencial por causa da Pandemia de COVID-19, essa mudança me trouxe diferentes experiências que me fizeram notar que no período remoto os alunos tinham mais inseguranças e me procuravam mais do que no presencial. No formato presencial, observei que os estudantes têm contato mais direto com o docente o que os torna mais participativos em sala de aula, demandando menos procura do monitor.

Assim sendo, entramos na terceira e atual monitoria, gostaria de trazer um trecho de Frizon,

É urgente ampliar o trabalho com diferentes propostas pedagógicas, investindo, quer no âmbito da docência, das aprendizagens e da avaliação, quer na gestão das instituições formadoras do Ensino Superior, para que se possa delas fazer verdadeiros instrumentos de intervenção, promotores do sucesso acadêmico de alunos, de professores e da própria instituição (FRIZON, 2016, p. 135).

Tendo em vista o que Frizon destacou, percebe-se que a monitoria deve ser empregada de diferentes formas nas atividades pedagógicas, de modo a possibilitar ao monitor uma gama de vivências que lhe permita se apropriar do que está ocorrendo no seu ambiente. É por meio dessas vivências que o estudante aprenderá e conseguirá mobilizar seus conhecimentos e ensiná-los. Mais uma vez, um exemplo disso é este próprio artigo, o qual me possibilitou o desenvolvimento da minha escrita e, dessa forma, me permitiu ajudar ainda mais os outros estudantes nas suas produções textuais.

A atual monitoria tem me propiciado planejar e desenvolver atividades pedagógicas em sala, como a microrregência de uma aula ou a mediação de atividades de leitura, tendo a supervisão e ajuda do docente durante sua aplicação e desenvolvimento.

Essas vivências me fizeram desenvolver maior confiança para ajudar os alunos dentro e fora da sala de aula. Assim, como expõem Silva e Santos,

Pode-se dizer que a monitoria é importante nas disciplinas do ensino superior, pois ultrapassa a obtenção de um título, do aspecto pessoal, no ganho intelectual do monitor, vai mais além de tudo isso, perpassa nas relações estabelecidas de trocas de conhecimentos, entre o professor orientador e o aluno monitor. Além de ser um dos primeiros contatos do aluno em relação ao trabalho docente. SILVA; SANTOS, 2015, p. 5).

Ressalto que as atividades realizadas em conjunto com os professores orientadores do programa me fizeram perceber o quanto ainda tenho que aprender sobre ministração em sala de aula, assim como, também, a ajuda e feedback deles me ajudaram a perceber e me melhorar como futura docente.

Na atual monitoria, existe maior diálogo entre monitora e professor, o que possibilita um maior aprendizado. Com isso, percebi que a monitoria é, também, um meio de estimular o discente monitor a progredir e desfrutar da futura carreira que escolheu, não apenas esperando que seja mero auxiliar do docente entre este e a turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi discutido e exposto ao longo deste artigo, acredito que fica notório como o conhecimento desenvolvido através das ações vivenciadas na monitoria, desde que transformadas em experiências (BONDÍA, 2002), são relevantes para a formação do discente como futuro professor.

A colaboração entre monitor e orientador, isto é, quando há um trabalho em equipe, ao invés de apenas o monitor ser visto como um intermediador entre o professor e a turma, faz com que o monitor desenvolva conhecimentos relativos à docência, além de propiciar que os estudantes da turma acompanhada também o considerem como um docente em formação. Logo, se monitor e orientador trabalham colaborativa e articuladamente no desenvolvimento da disciplina, propicia-se melhor aprendizado aos alunos. Ao mesmo tempo, essa colaboração possibilita maior aprendizagem sobre a formação docente para o monitor e como ela pode afetar de diferentes maneiras sua formação, principalmente quando o estudante se permite passar por

diferentes orientações, ampliando seu horizonte sobre a docência, já que cada professor orientador possui conhecimentos e práticas docentes diferentes.

Isso posto, ainda há muito a ser explorado nessa área porque nem sempre o monitor entende o que realmente é essa função, do mesmo modo que existem muitos professores que não entendem seu papel como orientador nesse programa.

Atualmente, considero que a monitoria vai além de obter remuneração por meio de bolsas ou conseguir o completo das horas flexíveis obrigatórias pedidas pela universidade. A monitoria é uma atividade para que o discente possa ter seu primeiro contato com o que realmente é prática docente e, se essa prática for transformada em experiência, possibilitará ao monitor saber se a docência é realmente uma área em que deseja atuar.

A monitoria possibilita vivenciar a experiência de um docente, como, por exemplo, uma pequena regência de aula. Através dessas vivências, o discente é posto em situações que precisa refletir como um docente. Essa reflexão será tanto melhor e proveitosa se contar com supervisão e apoio do professor orientador, conforme previsto no Programa de Monitoria UFPB, 1996).

Em suma, percebo que toda a minha trajetória como discente, mas também como monitora, me deu a oportunidade de entender um pouco mais sobre um dos pilares da universidade, a docência, de maneira que eu consigo ver, atualmente, que a monitoria não é apenas responder as dúvidas dos alunos, mas como ela também me possibilita melhorar meu aprendizado sobre a docência, a área na qual estou me formando - Licenciatura em Pedagogia. Por isso, nada melhor do que ter contato com ela ainda durante a graduação para compreendê-la e desenvolvê-la com mais propriedade e segurança, a meu ver, no futuro.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu Deus, Jesus Cristo, por me dar a possibilidade de escrever e compartilhar com os outros minhas experiências. Sei da realidade de muitas pessoas que sofrem intolerância religiosa em nosso país por agradecer a seu deus. Quero deixar claro que não compactuo com isso, nosso Estado é laico e, portanto, todos têm o direito a agradecer a quem quiser.

Além disso, quero agradecer a minha mãe, Maria José Alves Freire, por sempre me incentivar a estudar e acreditar que a educação é o melhor caminho. Também a minha madrinha, Maricelia Batista Rodrigues, por fazer o caminho da educação uma possibilidade mais do que palpável. Ainda, ao meu orientador de monitoria, Hermes Talles dos Santos Brunieri, por toda a ajuda ao longo da construção deste artigo, agradeço por acreditar em mim.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p.20-28, jan./abr., 2002.

BRUNIERI, Hermes Talles dos Santos. Saberes Científicos e Experiências na Formação Docente, in: RANZANI, Ariane; BRUNIERI, Hermes Talles; MARTINS, Maria; GATTOLIN, Sandra Regina (orgs.). **Literatura e Outras Linguagens na Educação Infantil: A literatura como eixo transversal em projetos de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2022.

DANTAS, Otilia Maria. Monitoria: fonte de saberes à docência superior. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**. Brasília, v. 95, n. 241, p. 567-589 set./dez. 2014

FERREIRA, Juliana Rachel Trigo. **Programa de Monitoria no Centro de Educação: apontamentos históricos e contribuições na formação dos discentes**. 2019. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2019.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. **Pro-Posições**, v. 27, n. 1 (79), p. 133-153 jan./abr. 2016.

SANTOS, Héllen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método Autobiográfico e Metodologia de Narrativas: Contribuições, Especificidade e Possibilidade para Pesquisa e Formação Pessoal/Profissional de Professores. *In: II CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E XII CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES*, 2014, Águas de Lindóia, SP. **Anais**. São Paulo: UNESP, 2015.

SILVA, Elma S.; SANTOS, Marta Maria Minervino. Monitoria: Sua Importância na Formação Docente. *In: CONGRESSO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA EM ARAPIRACA*, 1, 2015. Arapiraca, AL. **Anais**. Maceió: UFAL, 2015.

UFPB. **Resolução CONSEPE/UFPB n.º 2 de 14 de fevereiro de 1996**. Regulamenta o Programa de Monitoria para os cursos de graduação da UFPB. Pró Reitoria de Graduação (PRG), João Pessoa, PB, 1996.